



TRAGÉDIA NA COLÔMBIA

Solidariedade e esperança

Mais de 72 horas depois do terremoto de magnitude 7.4 na escala Richter, moradores de cidades do eixo cafeeiro, no oeste do país, mantêm a corrente de ajuda e se unem na disposição de encontrar sobreviventes. Número de mortos passa de 270

» RODRIGO CRAVEIRO

Solidariedade. Ela está em vários pontos de Cali e em outras cidades afetadas pelo terremoto de magnitude 7.4 na escala Richter (aberta, raramente chega a 9) que levou morte e destruição à região ocidental da Colômbia. No bairro de Caprí, em Cali, uma cabine improvisada chama a atenção. “Abraços aqui”, afirma a mensagem, escrita a giz e com duas setas apontando para baixo, em uma placa presa aos troncos de duas árvores. Sob ela, Andres Solomon abre os braços e acolhe estranhos com palavras de conforto e de ânimo. Vez ou outra, chora junto. Passadas 72 horas do tremor, as chances de encontrar sobreviventes reduziram drasticamente. Até o fechamento desta edição, o terremoto tinha deixado 273 mortos, 3.824 feridos e 377 desaparecidos.

Moradora de Cali, a comunicadora social Alejandra Tovar, 46 anos, afirmou ao **Correio** que, desde os primeiros minutos depois do sismo de 10 de agosto, moradores de Cali saíram às ruas para ajudar os desabrigados. “Cada cidadão de Cali, sem pensar duas vezes, começou a auxiliar. Muitos distribuíram água, luvas e medicamentos. Homens e mulheres saíram, em suas motos e carros, ou caminharam até os locais mais críticos para retirar os escombros, sem qualquer tipo de proteção”, disse. “O governo de Abelardo de la Espiella não autorizou a ajuda de alguns países. Foram as pessoas, gente comum mesmo, que ajudaram, a partir de mobilizações nas redes sociais X e Facebook e nos grupos de WhatsApp.”

Segundo Alejandra, milhares de moradores trabalham sem parar na resposta à tragédia. “Muitos estão sem dormir, sem repousar. Nas ruas, pude observar muitas pessoas comprando água, Gatorade, energéticos. Tem sido muito emocionante testemunhar a massiva solidariedade por aqui. Não interessa de que partido político, se são ricos ou pobres, a única coisa que importa é poder ajudar de alguma forma”, acrescentou.

Às 9h42 de ontem pelo horário local (11h42 em Brasília), a terra voltou a tremer em San José del Palmar, no departamento de Chocó — o mesmo epicentro do terremoto de segunda-feira. Sismólogos colombianos avaliaram a magnitude em 4.2 na escala Richter. Ao todo, 146 réplicas tinham



Não interessa de que partido político as pessoas são, se são ricas ou pobres, a única coisa que importa é poder ajudar”

Alejandra Tovar,
moradora de Cali

sido registradas até a noite de ontem, apenas duas com magnitude maior do que 4.0. Os abalos secundários atrapalham o trabalho dos socorristas.

“O melhor de nós”

Também em Cali, a estudante de administração de empresas Yami Reyes, 41 anos, contou ter ficado impressionada com a mobilização dos compatriotas. “As pessoas pararam de fazer o que normalmente fazem e saíram para ajudar o próximo. Elas estão concentradas em auxiliar, seja com comida, seja na remoção dos escombros”, contou ao **Correio**. “Somos muitos humanos. Em meio ao medo e à dor, ver como o povo de Cali se une, ajuda estranhos e contribui com o que pode, mostra que, em tempos difíceis, o melhor de nós vem à tona.”

Na cidade, máquinas pesadas começaram a remexer os escombros nos lugares onde os socorristas descartam sobreviventes. Valeria Cardona, 26, procurava por dois primos, que estariam sob os escombros. “Temos suspeitas sobre a localização deles, mas não há sinais de vida”, explicou à agência France-Presse (AFP). “A esperança é a última que morre, mas estamos angustiados com uma notícia que não queremos receber.”

Em Pereira, a 208 km a nordeste de Cali, Diego Sandoval, um voluntário de 22 anos, descartava reduzir o ritmo das buscas. “Não se perde a esperança (...) Acho que as pessoas têm força de vontade para resistir vários dias lá embaixo”, disse à AFP. Ali perto, pessoas disseram ter escutado o que seriam barulhos vindos de um elevador de um prédio que colapsou.

Raul Arboleda/AFP



Pessoas trocam afeto em uma “cabine de abraços”, três dias depois do terremoto, em Cali, a terceira maior cidade colombiana: “Ânimo”

O adeus de Salomón a Lenny comove o país

O enterro de Lenny Fernández, 38 anos, emocionou os colombianos. A advogada, que morreu em Cali, foi encontrada pelos socorristas agarrada ao cão de estimação, Salomón. Durante todo o tempo, a colombiana manteve o animal junto a ela, o que teria garantido que ele sobrevivesse. Ao ser colocado sobre o caixão, Salomón chorou diante do corpo da tutora, em Pasto, sua terra natal, a 374 km de Cali. Yami Reyes e Lenny frequentavam a mesma igreja pentecostal de Cali, onde cantavam, juntas, no grupo de louvor. “Lenny era uma mulher linda por fora, mas ainda mais por dentro; Deus se refletia literalmente em sua vida. Ela era fiel a Deus e o amava acima de tudo”, contou Yami ao **Correio**. “Seu cachorrinho Salomón era seu companheiro, seu copiloto, literalmente, ele nunca o deixava sozinho”, acrescentou a amiga, que não pôde viajar a Pasto e assistiu ao funeral pela internet.

Álbum de família



Raúl reaparece na homenagem a Fidel

Yamil Lage/AFP



Ausente dos holofotes havia meses, aos 95 anos, o ex-presidente cubano Raúl Castro reapareceu ontem, em Havana, em um ato em memória do centenário do irmão Fidel, líder histórico da revolução de 1959 e do regime socialista, morto em 2016. Trajando a farda verde-oliva de general das Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Raúl foi aplaudido de pé no Teatro Karl Marx, em Havana. Embora não ocupe funções no Estado nem no Partido Comunista, o ex-presidente é respeitado, na cúpula do regime, como conselheiro para decisões cruciais — como a aprovação recente de um pacote de reformas que abrem ainda mais a economia ao capital privado. Em maio, a Justiça dos EUA indiciou Raúl pela morte de quatro cidadãos norte-americanos que viajavam em aviões abatidos quando sobrevoavam a ilha em apoio a dissidentes.

ORIENTE MÉDIO

Palestinos cercados na Cisjordânia

O tom escolhido pelo embaixador Mike Huckabee, firme aliado de Israel, ilustra a reação dos Estados Unidos à situação no território palestino da Cisjordânia, onde a população árabe vem sofrendo uma escalada de violência por parte de colonos judeus — sem que as forças de segurança israelenses esboquem uma reação mais firme. Desde domingo, eles mantêm várias residências palestinas cercadas em Qusra, perto de Nablus, no norte do território. Entre as propriedades afetadas está a de um cidadão americano. O prefeito, Abdel Azim Wadi, disse à emissora pública britânica BBC que o povoado foi declarado “zona militar fechada”, e as tropas israelenses enviadas para resolver o conflito estariam ordenando os moradores a deixar suas casas, a pretexto de se aquartelar nelas.

Huckabee, pastor evangélico indicado por Trump para o posto justamente por sua firme posição favorável à colonização israelense na Cisjordânia, classificou a

ofensiva dos colonos como “um ato de terrorismo horrível e repugnante”. “Não há desculpa para um comportamento tão típico de arruaceiros”, acrescentou. O embaixador sustenta que o premiê Benjamin Netanyahu, aliado incondicional do presidente Donald Trump, teria ordenado a reação a pedido dos EUA.

Uma família palestina de Qusra tem feito apelos pelas redes sociais para que possa receber apoio. Desde domingo, colonos judeus radicais mantêm a propriedade cercada. Depois de terem derrubado uma parede da casa, usaram as pedras para interditar a estrada, impedindo tanto a saída dos moradores quanto a chegada de qualquer tipo de ajuda. Em comunicado, o Exército israelense anunciou ter enviado tropas “para proteger os moradores e manter a segurança”.

No fim de semana, quando a incursão dos colonos foi denunciada, forças enviadas por Israel foram filmadas confraternizando com os agressores. O comando

Zain Jaafar/AFP



Soldado israelense no povoado de Qusra: pressão dos EUA

militar informou, depois, que os envolvidos nesses incidentes teriam sido retirados da área e poderiam responder a processos no âmbito militar.

Escalada

O jornal *The Times of Israel* citando dados oficiais das forças de segurança, apontou uma

alta de 63% nos ataques de colonos judeus à população palestina da Cisjordânia, no primeiro semestre deste ano, em comparação com igual período de 2025: as ocorrências subiram de 405 para 660. O padrão é semelhante para os incidentes entre os colonos e as próprias forças israelenses, que passaram a 45 em 2026 — uma alta de 50%.

Desde o início do ano, mais de 3.200 palestinos foram forçados a deixar suas casas, no território, após incursões que incluem a demolição de casas, o roubo de rebanhos e a destruição de propriedades. Atualmente, mais de 500 mil israelenses vivem em assentamentos na Cisjordânia, considerados ilegais segundo o direito internacional, em um território habitado por cerca de 3 milhões de palestinos.

O assédio a Qusra teve origem em um “posto avançado” instalado nas proximidades por colonos, sem reconhecimento legal imediato das autoridades israelenses. Os movimentos

ultranacionalistas judaicos, ligados à vertente religiosa do sionismo, vêm intensificando a ocupação de áreas palestinas na Cisjordânia, que veem como parte da “terra bíblica de Israel”. A colonização é considerada ilegal segundo o direito internacional, que estabelece a Cisjordânia, a Faixa de Gaza e o setor oriental (árabe) de Jerusalém como áreas para um Estado palestino soberano, segundo o plano de partilha aprovado em 1947 pelas Nações Unidas — a base para a fundação de Israel, em 1948.

Pouco depois das declarações do embaixador americano, vários dirigentes israelenses, incluindo o ministro da Defesa, Israel Katz, assistiram à reinauguração do assentamento de Ganim, no norte da Cisjordânia. Ganim foi um dos quatro assentamentos desmantelados em 2005, mas três deles foram reconstruídos durante o atual governo de Netanyahu, em meio à expansão das colônias israelenses e à legalização de postos avançados erguidos sem autorização oficial.